

Negotiating national identity: immigrants, minorities, and the struggle for ethnicity in Brazil (Jeffrey Lesser).
(Durham & London: Duke University Press, 1999).

O livro de Jeffrey Lesser pode ser lido quase como um romance. Essa possibilidade é facilitada pela própria disposição gráfica, com as notas explicativas, bibliográficas e documentais colocadas no final do texto - facilitando a leitura de quem não estiver interessado nelas. Alguns gráficos e algumas tabelas são apresentados à margem do texto, sem interrompê-lo. Assim a obra constitui uma interessante narrativa histórica da questão da identidade étnico-cultural no Brasil, de 1850 a 1950.

A narração é interessante no seu todo, mas sobretudo na apresentação de um grande número de episódios curiosos e significativos de nossa história. Ao discutir-se a imigração chinesa para o Brasil, os chineses eram classificados como inferiores aos africanos, mas, pensando bem, não seriam tão ruins e estranhos, porque, no fundo, no fundo, seriam parentes dos nossos índios, e estes são, evidentemente, importante parte constitutiva da "raça" brasileira. Essa construção não refletia apenas vozes do senso-comum; em 1934 o Instituto de Geografia da Universidade de São Paulo atestou que "a diferença racial entre nossos caboclos, os descendentes dos índios e os japoneses é muito pequena".

No século XIX um judeu do norte da África tinha migrado para o Brasil, vivido aqui por algum tempo, obtido a cidadania brasileira, e depois retornado ao Marrocos. Em 1901 envolveu-se numa encrenca e ficou ameaçado de prisão. Quando a polícia chegou a sua casa, encontrou a bandeira do Brasil hasteada e a autoridade diplomática brasileira acionada para defendê-lo. Mesmo que o representante diplomático não demonstrasse muito entusiasmo pelo "hebreu",

ameaçou o governo marroquino com o rompimento das relações diplomáticas, caso a prisão se efetivasse.

No que tange aos japoneses, havia generalizadas reservas contra sua imigração. Dizia-se que constituíam “um perigo para o organismo nacional, porque eles sempre viverão como japoneses e porque não é possível naturalizar um japonês”. Mesmo assim, foi tomada uma medida administrativa interessante, no início do século, quando vigorava uma lei que proibia subsídios oficiais para a imigração de “asiáticos”. Os japoneses simplesmente foram declarados não-asiáticos.

A rigor, Lesser retoma neste livro um tema que já aparecera no seu *O Brasil e a questão judaica*. Ali ele, a certa altura, perguntava como foi possível que, apesar do anti-semitismo evidente durante o Estado Novo, um número considerável de judeus conseguiu entrar legalmente no país. E sua resposta foi que o preconceito ajudou - entre as concepções preconceituosas sobre os judeus havia algumas que eram encaradas como de interesse para o Brasil.

No novo trabalho do autor os judeus entram apenas tangencialmente - como os do norte da África, por exemplo. O livro concentra-se nos imigrantes que não são brancos nem negros, concretamente, os árabes (com ênfase nos sírios e nos libaneses), os chineses e os japoneses. Trata-se de um interessante relato de como, em princípio, as elites brasileiras só conseguiam imaginar a imigração como branca, européia, e como, frente às evidências de que os citados não eram “brancos”, se construíram, com muita frequência, mecanismos para “branqueá-los”. Para os originários do Império Turco, por exemplo, aceitou-se a construção de uma categoria relativamente simpática como a dos “sírio-libaneses”, onde o tipo físico não se distanciava muito do modelo imaginado como branco e onde se destacava a condição religiosa de católicos - a religião da maioria do povo brasileiro.

O caso dos japoneses foi, certamente, - até pelo seu maior número - mais complexo, com importantes idas e vindas, e com um período muito difícil entre 1930 e 1945. Mesmo assim, como mostra o último capítulo, ódio e repulsa não foram nunca absolutos, e a simpatia, a admiração e a fascinação pelo Japão e pelos japoneses sempre andaram mais ou menos juntos com os preconceitos. A análise de uma série de escritos sobre o Japão e os japoneses mostra que, mesmo o Brasil estando em guerra com aquele país durante os anos 1940, “os japoneses continuavam a ser o modelo de ser brasileiro”.

